

Citibank anuncia dinheiro novo

SÃO PAULO — O comitê de bancos credores da dívida externa brasileira já chegou à conclusão de que não haverá outra saída — entre as que estão sendo discutidas — a não ser fazer novos empréstimos ao País, operação conhecida como **new money** (dinheiro novo). Esta posição foi comunicada ontem pelo chefe do comitê, John Reed, **chairman** do Citicorp, em entrevista coletiva na sede do Citibank. Para ele, esta é uma saída para os bancos obterem do Brasil garantias em torio de US\$ 3 bilhões no curto prazo para o fechamento de um acordo definitivo.

Reed mostrou-se animado com a negociação e reafirmou que um acordo será fechado nas próximas duas ou três semanas. E também está otimista com a direção dada pela atual equipe do Governo brasileiro, nos rumos da economia.

— Saio com uma impressão bastante positiva. O novo Ministério parece ter uma idéia firme

de como encaminhar a economia — avaliou Reed, ressaltando, porém, que ainda estão faltando os resultados da política traçada.

Reed chegou ao Brasil na segunda-feira de manhã, esteve ontem com o presidente Fernando Collor, passou o dia de ontem no Citibank, onde empossou o novo presidente da instituição no País, Alvaro de Souza, e voltou ontem mesmo a Nova York.

Sobre as negociações com o Brasil, afirmou que os bancos vão precisar liberar **new money** e o Citi (como maior credor e líder do comitê) terá que fazer a operação antes para trazer os demais credores, adiantando que o aporte girará entre US\$ 500 milhões e US\$ 1 bilhão.

Os bancos privados — credores de US\$ 42 bilhões do total de aproximadamente US\$ 114 bilhões da dívida externa brasileira — preferiam outras saídas, como as encontradas para o México e a Argentina. Mas o mes-

mo caminho não é possível, explicou Reed, porque, ao contrário daqueles países, o Brasil não conseguiu cumprir as metas estabelecidas com o FMI, Clube de Paris e Banco Mundial e, por esse motivo, não obteve os recursos adicionais concedidos ao México, os **extended funds**.

Além disso, boa parte das reservas acumuladas pelo País em moeda forte — hoje na faixa de US\$ 16 bilhões — é considerada pelos bancos como muito volátil, ou seja, são investimentos puramente financeiros que ingressaram no País aproveitando um momento excepcional de juros em baixa no mercado externo e ações subvalorizadas nas bolsas, mas podem ir embora a qualquer momento.

— O caminho brasileiro será diferenciado. As garantias seriam menores no início, aumentando ao longo do tempo de reescalonamento — assinalou Reed, ressaltando que, no caso mexicano, o processo foi inverso.

Quinta-feira, 14 de maio de 1992

para o País